

Correio de Misa

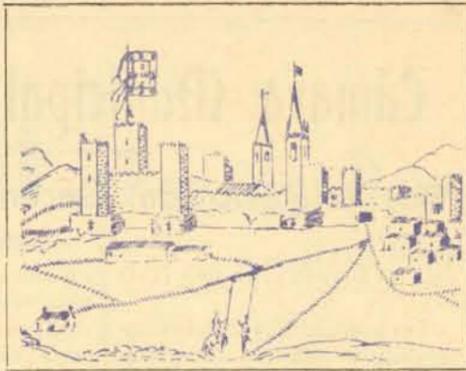
Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º

Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO
PRÓPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE



Fredal

NOSSA SENHORA DA GRAÇA SOL QUE BRILHA E NOS ALENTA

e Luz

Um monte adusto e calvo, donde emergem pedras que semelham crâneos.

Vertentes de fragedos ásperos que lembram o pranto, o soluçar e a dor.

Aqui e além, uma vegetação raquítica surge do solo ardente, vencendo a rocha, em contorções agónicas de sede.

Mais, ao fundo, avizinhando o vale, um horto verde de empoeirados ramos, onde trinam aves — musical contraste — divinais gorgeios.

No espaço, ao alto, contra o céu azul, voltejam pombas brancas.

Brilha a luz do sol, culminando ardente, como resplendor do mundo.

Cristo na cruz, amortecido o olhar, a face lívida, tem o aspecto gelado de cadáver.

Parece morto.

Das mãos, atravessadas pelos cravos do verdugo, correm fios de sangue.

Maria e Madalena, pálidas de sofrimento, estão soluçando ao pé da cruz.

Em frente, a multidão ignara, parcela dessa humanidade louca, por cujo amor Ele morria, redobrava insultos, num gargalhar de inferno: Tu, que curaste enfermos, e ressuscitaste mortos, "si Filius Dei es, descende de cruce".

E logo um dos ladrões soltava: "Si Tu es Christus, salvum fac temetipsum et nos".

E a onda humana, asselvajada e fera, mais ofensas dita, impiedosa, horrível.

"Ah! Tu, que prometias destruir o templo e dentro de três dias tornar a edificá-lo, onde está o Teu poder? Vah, qui destruis templum Dei... descende de cruce".

E o olhar do crucificado, piedoso e brando, sofrendo horrores, afirmando o Pai, tinha ali, como tivera sempre, a mesma luz da Bondade, a mesma chama de Amor, a mesma benção dos Céus.

Entre dois ladrões, pregado no madeiro da cruz ignominiosa e vil, em frente da multidão ululante, disse, agonizando: "Pater, dimitte illis; non enim sciunt quid faciunt".

E o sol, ao alto, resplendor do mundo, rebrilhando em oiro nas armaduras dos guerreiros, inundava de luz aquele mar revoltado, da multidão que vociferava e grita, sanguinária e infame.

Um vento cálido levantou-se de momento fustigando a face de Jesus.

As pedras do monte rebrilham ao sol, numa nudez de crâneos.

"Pater, in manus tuas commendo spiritum meum".

E Cristo expirou.



Nossa Senhora da Graça,
Nossa mãe, nossa esperança,
Dai-nos a paz e a ventura
Que só convosco se alcança.

Nossa Senhora da Graça,
Círio que sempre alumia,
Levai-nos por bom caminho,
Sede sempre o nosso guia.

Nossa Senhora da Graça,
Nossa mãe e protectora,
Abençoai os nenseses,
São vossos filhos, Senhora.

Nossa Senhora da Graça,
Senhora do nosso encanto,
Abrigai-nos, carinhosa,
Nas dobras do vosso manto.

Nossa Senhora da Graça,
Nossa mãe, nossa madrinha,
Deitai-nos a santa benção
Lá da vossa capelinha.

(Versos do Dr. Dias Loução)

Nossa Senhora da Graça,
Nossa Santa Padroeira,
Acompañai-nos, Senhora,
Na nossa hora derradeira.

Nossa Senhora da Graça,
Nossa mãe e Mãe de Deus,
Dai-nos a graça na terra'
E a luz perpétua nos céus.

Lá da sua capelinha
Que se vê de toda a parte,
Nossa Senhora por todos
A sua Graça reparte.

Nossa Senhora da Graça,
Nossa mãe celestial,
Valei-nos nas aflições,
Livrai-nos de todo o mal.

O sol oculta-se, fugindo à terra.
"E tenebrae factae sunt in universam terram".

A multidão ululante emudeceu no Gólgota.

E desde então, a humanidade ficou presa às palavras do Crucificado, à luz do Seu olhar, ao símbolo daquela cruz.

Há no íntimo de cada homem um mundo complexo que ele não sabe definir, uma legião de emoções que não sabe dominar, um desespero permanente que o acompanha do berço e que só talvez abandona sob a lage do túmulo.

Kierkegaard, o pensador e filósofo que nos tempos modernos melhor conseguiu penetrar nos íntimos mistérios da filosofia, erguendo numa ascensão de espírito o facho luminoso da sua inteligência preclara, vem secundar Sclafer, o autor imortal do "Sptique Mourant".

Quando o sol se "mergulha na orla doirada do horizonte", quando as aves procuram seus ninhos e, como o homem, se abrigam no conforto morno dos lares, quando as Ave-Marias, serenas e calmas, musicadas e puras, se evolvem do campanário, quando o pegureiro nos montes ajoelha e reza, quando a harmonia da fonte se mistura em ritmos celestes com o tilintar das nras e um vago perfume sobe das terras, confundindo-se na imensidade dos céus, o homem denota em si, como diria Georges Sand "l' étrange désir d'un impossible quelcouque".

Prender-se à música do agosto bronze, subir aos páramos do Infinito, elevar-se num desprendimento terreno, num olvidar da vida mundanal e vã que o tortura, na ânsia permanente de conceber aléns que não atinge, onde o mesquinho das forças físicas, o palpitar dos corações, o alcançar dos braços fortes, o escutar de sons longínquos deixa para sempre de existir, para que a alma exulte no seio eterno de Deus, eis o que domina o homem quando começa a rasgar o véu que tudo lhe ocultou, enquanto fez seu trânsito na vida terrena.

E' então que ele começa, pela vez primeira, a conceber a Pureza, a divisar o Belo, a concretizar o Bem.

E, pela vez primeira, abandona o apertado viver mesquinho e vil que o egoísmo cria e a maldade alcança.

(Continua na 4.ª página)

Este número
foi visado pela Censura

Câmara Municipal de Nisa

Do Relatório da Gerência de 1963

ÁGUAS DE AMIEIRA DO TEJO

Por intermédio da Câmara proseguiram os trabalhos de conclusão de alguns drenos, bem como a construção da câmara de tratamento e zona de protecção.

Como se disse no relatório de 1962, era nossa intenção executar a rede domiciliária de água conjuntamente com a rede de esgotos, como seria preferível e aconselhável sob todos os pontos de vista.

Contudo, como a rede de esgotos ainda não foi participada, e nem se sabe quando o será, é bem natural que tenhamos de dar execução à rede de águas em primeiro lugar, com todos os inconvenientes que daí poderão vir a resultar.

ÁGUAS DE NISA

Segundo o relatório dos Serviços Municipalizados, a rede de Nisa encontravam-se ligadas em 31 de Dezembro findo, 1 563 instalações, sendo 18 municipais, contra 1 557 em 1962 com 17 municipais. Houve, assim, um aumento de 6 instalações como melhor se poderá verificar pelo mapa de fls. 47.

FONTES

Como se disse no relatório do ano de 1962, foi-nos concedida uma participação de 82 500\$00, estando incluída em Plano mais uma de 100 contos, para beneficiação das Fontes de mergulho de Monte do Pardo, Monte do Duque, Monte do Arneiro, Monte dos Matos, Albarrol e Salavessa.

Mas beneficiar em que sentido? Efectivamente, apesar de todas as diligências que temos feito para sabermos por onde começar, a tarefa não se tem apresentado nada fácil, pela simples razão de recarmos ir gastar umas dezenas de contos e tudo ficar, afinal, como dantes.

Das fontes daquelas localidades a única que, com algum proveito, poderá justificar o que nela se venha a gastar, é a do Monte dos Matos que é, por assim dizer a localidade do concelho com menos população (cerca de 60 habitantes), mas que tem possibilidades de ver transformada em fonte de bica, a sua actual fonte de mergulho, em face do desnível existente, embora para isso seja necessário instalar tubagem numa extensão de cerca de 600 metros, com a grande vantagem de passar a ter água na povoação ao contrário do que sucede actualmente, visto a fonte estar afastada uns 600 ou 700 metros por mau caminho.

Quanto às restantes fontes, dada a sua localização — a maioria junto de ribeiros que as invadem — não nos parece aconselhável dispendir nelas qualquer importância. Vamos por isso procurar dar-lhe conveniente solução, como aliás se impõe.

Para procurarmos resolver o problema dos Montes do Pardo, Duque e Arneiro, que apesar de tudo o que se passa nas outras povoações, são as que se encontram

em piores condições — haja em vista os casos de tifo que anualmente se verificam — pensa-se efectuar pesquisas no sítio da Corga da lharga, a cerca de 3 kms dos Montes do Duque e Arneiro e a menor distância do Monte do Pardo, onde o Sr. Presidente da Junta da Freguesia de Santana deposita grandes esperanças. Oxalá elas se confirmem para ver se conseguimos solução para o abastecimento destas povoações que tão martirizadas têm sido com a falta de água.

Relativamente a Albarrol, dado que a actual fonte de mergulho é das tais que ficam situadas junto de ribeiros, e não há possibilidades de a transformar em fonte de bica, teremos de procurar resolver o assunto à custa de pesquisas a efectuar em local a estudar, pois mal nos ficaria estar a procurar melhorar o que, antecipadamente, sabemos não ser susceptível de qualquer melhoria.

O caso da Salavessa, que é de dispendiosa solução, encontra-se em estudo.

Procura-se resolver o problema à custa de águas a captar no sítio da Água da Galinha e na Tapada da Bica, na encosta norte da Serra de S. Miguel, onde há já uns 10 anos se fizeram pesquisas que depois foram abandonadas, isto, claro, se, entretanto, não for possível encontrar água mais perto da povoação.

A fonte de Monte Claro também se nos afigura não ser susceptível de qualquer beneficiação.

Pensamos por isso resolver o problema à custa de águas que em muita abundância apareceram nos locais onde a Junta de Energia Nuclear procede a pesquisas de urânio no sítio da «Maria Dias», a uns 3 kms de Monte Claro.

Já tratámos do assunto junto da Direcção dos Serviços de Salubridade, e, se a água estiver isenta de radioactividade, poderemos considerar o problema bem encaminhado, uma vez que a Junta de Energia Nuclear, não nos põe qualquer obstáculo para aproveitamento de águas existentes em poços por ela abandonados.

Falta, porém, proceder à sua análise, pois só a partir daí ficaremos a saber qual o caminho a seguir.

Outro problema que também não conseguimos ainda resolver foi o do abastecimento de água a Velada em melhores condições, dado que a fonte de mergulho que abastece a povoação, além de fornecer um pequeno caudal não é susceptível de transformar em fonte de bica.

Terá por isso de aguardar que o seu caso seja devidamente estudado.

VILA FLOR, CHÃO DA VELHA, CACHEIRO E VINAGRA

Desde que há anos — mais concretamente em 1956 — as fontes de mergulho destas 4 povoações foram transformadas em fontes de bica, não tem havido grandes preocupações com o seu abastecimento.

Apenas numa ou noutra tem surgido a necessidade de pequenas reparações, mormente em torneiras.

PÉ DA SERRA E FALAGUEIRA

Embora não possamos afirmar que estejam óptimamente abastecidas, estas povoações continuam, ao menos, a dispor de água em quantidade mais ou menos suficiente, por fontes de bica, encontrando-se a Falagueira, talvez, melhor abastecida que o Pé da Serra.

A mina que abastece esta última povoação, que abateu, em parte, foi devidamente reparada no ano findo, tendo-se construído à saída um pequeno reservatório para armazenar água durante a noite.

FESTA DE CANTARES ALENTEJANOS No Pavilhão dos Desportos

A Casa do Alentejo prossegue nos preparativos desta festa, a realizar em 24 de Abril, e que deverá ficar memorável pelos números que tanto a valorizam.

O seu programa inclui a actuação de quatro grupos de cantadores populares, vindos expressamente do Alentejo: de Serpa, de Cuba, de Vila Verde de Ficalho e de Reguengos de Monsaraz, além do Grupo Coral "Eng.º Martins Galvão", da Casa do Alentejo.

Colaboram ainda, neste grandioso espectáculo, os excelentes e conhecidos artistas Simone de Oliveira, Madalena Iglésias, Tony de Matos, Eugénia Lima, Maria José Valério, Gina Maria, Domingos Marques, Maria Valejo, António Lorival, Maria Júlia Lobo e Lena Branco e o locutor Miguel Simões.

Toma parte também o Trio Guadiana que o público tanto aprecia e aplaude, não obstante ser de constituição ainda recente.

Participa ainda o famoso conjunto 5 de Ouros que ultimamente tanto se tem evidenciado.

Os bilhetes podem ser adquiridos na Casa do Alentejo, a preços populares esperando-se que a lotação se esgote completamente, à semelhança do que se verificou nas festas análogas realizadas em 1937 e em 1952, dado o interesse que está a despertar, especialmente entre os numerosos alentejanos residentes na capital ou nos seus arredores e também ao alto nível do espectáculo em organização.

LIRA POPULAR

Atribuições de um Cantoneiro

1.º No dia 9 de Março triste caso se passou: Um tal carro D. K. W. um cantoneiro atrop'lou.

2.º Estando no seu serviço, bem dentro da sua mão, mesmo assim foi ter com ele. Grande desorientação!

3.º No quilómetro cinco-nove, na estrada dois-quatro-quatro, este pobre cantoneiro foi brutalmente atrop'lado.

4.º E seguiu no mesmo carro ao hospital do Gavião onde lhe prestou socorros a boa Irmã Coração.

5.º Depois, levado p'ra Abrantes na ambulância local, andou mais este percurso, esteve noutra hospital.

6.º Então, no novo hospital, foi de urgência operado. E logo os médicos viram que tinha o fémur quebrado.

7.º Após dezassete dias foi, por estrada e atalho com destino a Lisboa ao Hospital do Trabalho.

8.º Ali, já no outro dia, foi cuidado com estima; pelo Sr. Director e o Sr. Dr. Lima.

9.º Meteram-lhe uma cavilha, pois era fractura exposta, mesmo pelo meio do fémur, da bacia até à rótula.

10.º Ali esteve 4 meses na cama, sempre de costas. Quando se levantou, não sabia onde era a porta.

11.º Já começava a andar com duas curtas muletas, recebeu de Nisa carta com meia dúzia de letras.

12.º E essa carta dizia o que muito desagradava: Trazia a triste notícia da mulher ser operada.

13.º Quando veio do hospital, trazia grande alegria: Ia ver mulher e filhos e o resto da família.

14.º Já fez dia 9 um ano que se tem estado a curar. E vai bem graças a Deus, pois já pode trabalhar.

15.º Que todos tenham cautela, aí por essas estradas, pois mesmo na nossa mão acontecem as desgraças.

16.º Para castigo, já basta esta grande aflição, pois ficou bem magoado, e dentro do seu cantão.

17.º Este pobre cantoneiro que tanto já tem sofrido. Deus lhe dê agora sorte, já que tanto mal tem tido.

18.º Com tudo isto ainda digo: Todos estamos sujeitos. Não digam: "não me acontece". Nem com os maiores perfeitos.

19.º Senhores dos automóveis, digo — e até confesso — Vocês sois os causadores daquilo que acontece.

20.º Vou terminar estes versos com toda a sinceridade, não desejando a ninguém esta grande infelicidade.

JOÃO DA GRAÇA SERRA

Correio de Nisa

PREÇOS DAS ASSINATURAS:

Assinantes residentes em Nisa	26\$00
" " no País fora de Nisa	30\$00
" " no Estrangeiro	40\$00

E' conveniente fazer o pagamento já, para se evitar a suspensão do envio. Não se mandam recibos à cobrança. O vale do Correio é a forma mais económica de cumprir este leve encargo.

A Carta de Condução

O automóvel é hoje um veículo indispensável.

Há uns bons cinquenta anos, não tinha a harmonia estética que actualmente lhe observamos; e as velocidades de então constituem hoje ideias pueris. Os motores eram de grande irregularidade; e os pneumáticos apresentavam-se guarnecidos de anilhas metálicas. Estava em embrião o automóvel, que hoje se apresenta elegante, cómodo, rápido e com relativa segurança. Contudo, muito se tem abusado dele. E de tal modo que, entre nós, as estatísticas de acidentes apresentam números verdadeiramente astronómicos. Em proporção, vamos à frente de alguns países europeus. À parte os desastres inevitáveis, é muito de lamentar os que resultam da má condução.

Tem o Governo, com vincado interesse, procurado reduzir a negra estatística, distribuindo pelas estradas do País centenas de agentes da Polícia de Viação e Trânsito.

O Automóvel Clube de Portugal também tem tentado, por todos os meios ao seu alcance, a efectivação de igual desejo.

A Junta Autónoma das Estradas assinala com dísticos e obras de arte as curvas e genericamente todos os locais perigosos.

Por outro lado, a Radiotelevisão Portuguesa, com o seu programa semanal « Sangue na Estrada » presta a esta causa relevante colaboração; e muito recentemente o Congresso Internacional de Trânsito promoveu sessões na Capital, com a mesma finalidade.

Mas todos os esforços e apelos não têm sido devidamente coroados de êxito e muito menos escutados. Assim nos provam as gravuras que vemos todos os dias nos jornais. Carros convertidos em montões de sucata, corpos desfeitos, vidas preciosas arrebatadas pela morte. E tudo pela imprudência, pela falta de ponderação, pela completa ausência de senso comum.

O excesso de velocidade, o sobranceiro desacato das regras de trânsito, o desrespeito aos deveres cívicos, são os principais factores determinantes de sete mil vidas que se perderam no ano transacto.

Pelas portas dos hospitais passaram quarenta e um mil feridos, deixando na invalidez, na desgraça, na miséria, centenas de chefes de família, tudo coberto pelo luto e pela dor.

O quadro é, sem dúvida, duma gravidade arrepiante. E tudo isto requer solução urgente.

A guerra que nos impuseram, e que temos que sustentar com tantos sacrifícios, para honra e dignidade da Nação, está longe de acusar número tão elevado de vítimas.

São muitos os que conduzem correctamente; mas supomos serem mais os que andam fora da ordem.

Ser correcto na condução requer muitos mais elementos, além dos exigidos nos exames de conductor.

O cumprimento dos deveres cívicos, tão esquecidos por uns como ignorados por outros, é factor indispensável para uma condução prudente e — digamos mesmo — honesta.

Quantas das vítimas são abandonadas na estrada por desumanos causadores! E quantas poderiam salvar-se, quando prontamente socorridas!

Não basta ser hábil no manejo do volante. É preciso respeitar o que superiormente está determinado. De contrário, tudo se desvirtua; e a perícia, melhor utilizada em pistas de corridas, transformar-se-á em arma de crime.

Mas ainda outros motivos contribuem para o horrível drama quotidiano.

Há surdos que têm carta de condução. E também a possuem os de vista deficiente, os nervóticos, os maníacos, os alcoólicos.

Os reincidentes continuam guiando. Os ciclomotoristas invadem as estradas; e muitos deles alheios às mais elementares regras de trânsito.

Os atrelados nas estradas estreitas, as deficiências de muitos veículos em circulação, sem condições de segurança, e ainda a mania de uns e a vaidade de outros nas ultrapassagens indevidas, levam à morte centenas de vítimas.

A estrada tem dois lugares: um é o nosso; o outro não nos pertence.

Suponho que a solução deste grave problema está distante, pois, sem uma melhor consciência das realidades, nada se conseguirá.

E as nossas estradas, enquanto percorridas por loucos, não deixarão de ser tintas pelo sangue de milhares de vítimas, arrebatadas pela foice sinistra da morte.

ANIBAL GOULÃO

Voz do Coração

No dia 8 do mês decorrente, deslocou-se a esta Vila um locutor-produtor do Rádio Club Quanza Sul, de Angola, para proceder à gravação de mensagens de saude para os soldados em serviço no nosso Ultramar.

EFEMÉRIDES

Em 10 de Abril de 1519, foi tomada a povoação marroquina de Uambre, por D. Álvaro de Noronha, capitão de Azamor, homem de grande decisão e coragem.

DE VISITA

Encontram-se na Vila muitos nísenses que longe da sua Terra se entregam às mais variadas ocupações. Veem passar a festa da Páscoa com os seus familiares. Por isso, o movimento nas ruas é maior e os meios de transporte chegam com avultado número de passageiros. No Outeiro, o murmurinho engrossa, dando-se expansão a afluências de alegria, dos que esperam e dos que chegam. Muitos, certamente, não deixarão de ir, na segunda-feira, visitar Nossa Senhora da Graça.

A CIGARRA E A FORMIGA

por Carlos Tomás Cebola

(Continuação do número anterior)

A CIGARRA — Era uma vez uma cigarra cantadeira e vadia que, desde manhã até o sol se pôr, passava o dia pelos campos fora, tangendo uma guitarra e atirando para o ar velhas canções de amor e outras mais que só ela sabia. Fazia versos em que cantava a vida e escrevia canções com a voz do vento, o marulhar das águas num ribeiro e a luz da alvorada. Comia, quando encontrava e do que havia! Quanto a dormir, era onde calhava. Não tinha cama, nem nada. E, no entanto...

2.º SOLISTA — No entanto, a sua vida era uma festa pegada de bailados e cantigas, alegrias, romarias, um verdadeiro arraial. Porém, nunca ninguém a viu em reuniões, levantar questões, intrigas, mal-entendimentos com esta ou com aquela. Nunca se viu a Cigarra dizer mal de outro qualquer. Era, apenas, um POETA que fazia do seu mundo uma guitarra e cantava. Era este o seu condão! E, cantando e tocando, passou todo o verão.

A CIGARRA — Um dia, A Cigarra acordou. Abriu os olhos e não viu os campos cheios de luz. Procurou o sol. Mal se via! Saltou da cama em que se encontrava, um ramo seco que nem folhas tinha, olhou para o céu e gritou: Quem me roubou o sol? O sol que era meu? Quem me roubou o sol que aqui havia? Quem me roubou a vida, a cor, o pão e a alegria? Como posso eu viver sem aquela luz amiga?!

1.º SOLISTA — E, é nesta altura da história que surge Dona Formiga.

(Continua no próximo número)

De Capa e Batina

Visitando o Doutor Assis uma família das suas relações, diz-lhe a dona da casa:

— Não sei se deva, Doutor, oferecer-lhe uma cadeira...

— Porquê?

— "Parce que" — responde a dama graciosamente — "vous êtes toujours... Assis".

Sorriu o Mestre do calemburgo, que lá lhe ficou para a primeira.

Com efeito, de volta a casa, encontra à porta o Doutor Pedrosa, que o segue até ao gabinete de trabalho.

Senta-se Assis, advertindo:

Eu nem me atrevo, colega, a oferecer-lhe uma cadeira...

E, a um movimento de surpresa do interlocutor, atalha com um sorriso malicioso:

"parce que vous êtes toujours" . . . Guimarães Pedrosa.

(Do "Livro do Doutor Assis")

NEÓFITOS

Maria Manuela da Cruz Maia Condessa, filha de António da Cruz Condessa e de Henriqueta da Cruz Maia;

NA Paz de Deus

por Maria Pinto

Chegou a Semana Santa, temos muito que fazer: a casa para assear, os bolos para cozer.

Não os de luto pesado, ou alguns que estão ausentes; ou alguns bem pobrezinhos, ou outros que estão doentes.

Perde-se a noite inteira, para o bolo se cozer; mas isto é costume antigo não o queremos perder.

E temos de ir à igreja adorar Nosso Senhor; é dever que todos temos: lá morreu por nosso amor.

Quinta e Sexta é a Paixão, Sábado a Aleluia. Quem tem bacalhau em casa que o avenge para a rua.

Dia de Festa da Páscoa, felicidade vem dar; a quem lêr este jornal sempre Deus há-de ajudar.

Dia de Páscoa p'ra todos, é dia de alegrias; tudo come e tudo bebe, junto das suas famílias.

E' dia de comer bolos, e carne de borreguinho é dia em que os afilhados pedem o bolo ao padrinho.

E' Páscoa, cheira na rua a carninha a refogar. Desejo bom apetite a quem comer o jantar.

Tudo faz por vestir bem, dos ricos aos pobrezinhos; é Primavera das flores, já cantam os passarinhos.

E' dia de ir para o campo visitar os pastorinhos que passam a vida inteira a viver sempre sôzinhos.

Mata-se o borreguinho e lava-se o maranhinho, faz-se o «sarapaté», bebe-se um copo de vinho.

Depois faz-se o afogado e come-se um maranhinho, canta-se uma cantiga, e venha mais um copinho.

E' tarde, vimos embora, A Páscoa já lá não passa; e vamos no outro dia ver a Senhora da Graça.

«Espectáculo»

Sob a direcção de Anselmo Mucho, recebemos o n.º 3 desta revista de Arte, que se apresenta cada vez mais digna de apreço. Muito bem impressa e com profusão de óptimas gravuras, "Espectáculo" merece a leitura das pessoas de bom gosto.

A artista Madalena Iglésias enriquece a edição com um retrato que é ao mesmo tempo trabalho perfeito e uma perfeita natureza viva. Só isto vale o dinheiro!

ANÚNCIOS MEDIDOS PELO LINÓMETRO
DE CORPO E ANÚNCIOS PERMANENTES.
CONTRATOS ESPECIAIS. NÃO SE RESTI-
TUEM ORIGINAIS. A CORRESPONDÊNCIA
É DIRIGIDA AO DIRECTOR. TODA A
COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Correio de Misa

Jornal de Informação e Cultura



Trevas e Luz

(Continuado da 1.ª página)

Só em Deus, na pureza da alma, na grandeza sem par do infinito além, é que o homem pode, pela vez primeira, conceber a grandeza, dominar os afectos, subordinar as emoções, para mais alto, e cada vez mais alto, olhar piedoso e puro o mundo amargurado e vil.

Berkeley, o pensador de Tomastown, o filósofo profundo do idealismo, afirmou que deste destino universal havia em forma estática uma parcela distribuída no coração de cada homem.

"Deus reparte quanto há criado, por igual, aos filhos seus". E donde nos rege mecaniza as forças e dinamiza as almas.

Ajoelhado sob as ogivas das catedrais, sobre o corcovado dos céus, ou nas profundezas dos vales, escutando o prepassar da brisa que lhe ameaça as faces ou lhe revolve as cãs, com os olhos no Céu, meditando no próprio destino, a fitar a terra onde entregará seu corpo, o homem é sempre o átomo ínfimo da poeira de que é feito o barro humano.

Que é para o molusco, encerrado na sua concha, o mar imenso em que nasceu e vive?

E que é para o homem nos limites do corpo a grandeza dos céus, sob que vegeta e sonha?

Contam pergaminhos de velhos cartórios claustrais, baixos relevos gravados na pedra, de civilizações antigas, mostram inscrições ruprestres de grutas ásperas, entre escudões frias e a poeira dos séculos, que o homem de outrora, ao ouvir o ribombar dos trovões, ao ver o faiscar dos raios, corria às grutas e buscava as armas; contam que ele imaginava um outro homem oculto nas nuvens, além no firmamento; e, dobrando o arco, distendendo as cordas, disparava setas, na intenção de ferir mortalmente o imaginado inimigo que lhe desfazia num momento o tugúrio ou a árvore gigante que dominava a montanha, a árvore que lhe dava a lenha para as noites eternas da sua eterna solidão, lhe oferecia sombra fagueira, de-

pois de longas caminhadas e devoradoras lutas, que o convidava ao ócio, ou lhe ofertava frutos bons.

E na ânsia obstinada de vencer, na sanha hérculea de dominar, o homem esgotou seus elementos, cansou os músculos, aniquilou as forças.

O mesmo fusilar dos raios, o mesmo fragor ciclópico dos trovões, as mesmas chuvas torrenciais, as mesmas avalanches impetuosas, o mesmo frio da morte, a mesma desolação do caos.

Sobre a relva macia dos prados, desfaleceu prostrado, sem ânimo para voltar à luta, sem coragem para recomeçar a batalha.

Olhou em redor, escutou a música das fontes, ouviu, absorto, a orquestra das aves nos bosques; reconheceu que do embrião minúsculo e recente se originava o cedro robusto e secular, sentiu o mesquinho e o transitório que nada pode contra o grandioso e Eterno.

Por mais que prolongasse a luta, por mais que se engolfasse na batalha, por mais que insistisse com o Eterno, reconheceu a impossibilidade eterna de vencer os céus:

Sempre o mesmo azul sem fim, sempre a mesma pureza sem mácula, sempre a mesma luz do sol que o cegava, sempre a mesma grandeza que não abrangia.

E, assim, o homem acreditou em Deus.

Cristo, no topo do Calvário, morreu na Cruz.

Mas... depois: "Nou est hic, sed surrexit".

E, a luz incomparável da Verdade, do Amor e da Pureza, ressurgiu das trevas.

O pensamento humano, insondável, não pára.

E hoje, como há mil e tantos anos, como até na sucessão dos séculos, a mesma humanidade cega, a mesma humanidade louca, não sabe ver a Luz incomparável que para sempre iluminou o mundo.

E continua subindo o seu calvário e sopesando a sua cruz.

É MADALENA!

Não conheces tu aquela mulher
Que além vai ao longe sem olhar qualquer?
Contando a calçada de pedras tão duras,
A quem só a vida lhe teceu agruras?
— E' Madalena!
E' a pecadora que não fala a ninguém,
Que os homens perderam e em nuvem que vem
E' levada ao longe p'ros chacais comerem,
Em festim de feras p'ra nela viverem...
— E' Madalena!
Já pouco se vê daquilo que resta,
De tudo o que tem e já não presta.
E os chacais ainda procuram tirar
Do pouco que tem para devorar...
— E' Madalena!
Mas nesse momento, passou por ali
Um Homem que tem a virtude em si
De poder ainda a fera afastar...
E dando-lhe a mão, fá-la levantar!
— E' Madalena!
Seus olhos ficaram olhando o Senhor,
Que lhe dera a Vida, que lhe dera Amor.
Levantada, pois, nunca mais pecou,
E seguiu Aquele a quem sempre amou.
— E' Madalena!

Nisa-Abril-1965

ILIDIO NOGUEIRA LEITÃO

8.ª HORA

(Do Longo-Poema-Biográfico das 24 horas de um Poeta)

1
parto de ti para mim
desencontro-me de mim para ti
soletro-me e sou fim
de qualquer coisa que nunca vi

2
aceno-te e sou canção
de um poema que ganhou
talvez a consagração
de um poeta que se matou

3
beijo-te e a lua partiu
de um horizonte que não era o seu
largo-te e o muro ruíu
a lua voltou e morreu

4
se acaso a hora calasse
a flor que me viu ser
talvez eu não te amasse
com a luz de um amanhecer

5
voltas-te senti-te longe
vazia como qualquer vento
eras a voz de um monge
expulso do seu convento

6
mares lagos e bocas
canções que o vento matou
palavras que saíram ocas
da boca que as falou

7
e quando a morte pensava
e o meu medo escondia
em ti algo encontrava
lua cheia logo vazia

8
eis-me memória conseguida
de alguém que já me esqueceu
folha morta de árvore partida
sangue de alma que nunca sofreu

Lx. 2 - 1965

SÉRGIO DE SOUSA BENTO

A MORTE

Vítima de enfermidade muito dolorosa e muito prolongada, finou-se na passada quarta-feira, a Sr.ª Ana da Ascensão Vivas, casada com o Sr. António da Piedade Polido e mãe da menina Ana Maria Vivas Polido. A toda a família apresentamos condolências.

ESTUPIDEZ OU LOUCURA?

Continuam a atravessar a Vila muitos veículos automóveis, em vertiginosas correrias, sem respeito pela lei e pela vida de quem passa.

Trata-se de gente de fora. Para o caso chamamos a atenção da Polícia de Trânsito, a ver se consegue meter na ordem estes cabotinos.

«Pax in Terris»

As solenidades religiosas próprias desta época festiva da Páscoa têm-se realizado com o brilho e a devoção tradicionais na Vila.

De modo especial, são de registar as procissões, que percorrem as ruas engalanadas com colgaduras e flores.

O público concorre com sentido acatamento; e os templos regurgitam de fiéis, prova de que a boa gente portuguesa continua, como sempre, a querer estar com Deus.

PROVIDÊNCIAS I

E' indispensável que a entidade competente ordene, quanto antes, a colocação de sinais de trânsito, no troço da via pública entre o Cine-Teatro e a rotunda da Fonte da Pipa (rua do Visconde Vale da Sobreira). O movimento é grande; as crianças da nova escola por ali passam várias vezes no dia. Não estamos esperando acontecimentos tristes.

FALECIMENTOS

Com 93 anos, faleceu a Sr.ª Ana Basso Rovisco, casada com António Carita Ramos e mãe dos Srs. Manuel Maria Ramos, José de Oliveira Ramos, Adelino do Rosário Ramos, Maria Gomes Ramos, Júlio da Cruz Ramos, Rosária da Piedade Ramos e Joaquim Rovisco Ramos.

Também faleceu Jerónimo da Cruz Tremeço, filho de Joaquim da Graça Tremeço e de Isabel Sampaio. Condolências às famílias enlutadas.

Vida Artística

O Alentejo a Cantar

Os Grupos Corais de Serpa, Beja, Cuba e Reguengos de Monsaráz colaboram no II Festival de Cantares Alentejanos que a Casa do Alentejo organiza para o Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

Lisboa aplaude Coimbra

O público de Lisboa vê, ouve e aplaude a tão conhecida e sempre apreciada Tuna Académica da Universidade de Coimbra, em espectáculo popular, no Coliseu dos Recreios com a colaboração da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos. Motivo: homenagem aos soldados a prestar serviço no Ultramar.

MAIS PRESSÃO

A limpeza das sargetas continua deficiente.

Avultam os casos do Boqueirão e da Rua do Senhor, em frente dum prédio conhecido do vulgo pelo «combóio».

Creemos que o processo do cântaro de água, a funcionar como «barril de Pascal», não dá resultado. Os micróbios exultam com o banho fresco e continuam, lépidos, a multiplicação da espécie.

A agulheta seria para eles dilúvio fatal; e para as gentes, benefício preventivo contra a bicheza daninha.

PRATA DO MAR

No dia 16, terminou o defeso para a pesca da sardinha, o que vem dar possibilidades de termos em brevé mais peixes no mercado, onde tantas vezes a escolha não é possível.

PROFESSOR MANUEL BARRETO

A gravura que exorna a nossa primeira página foi executada sobre uma fotografia do Sr. Professor Barreto, que deste modo, obsequiosamente, recomeça a sua colaboração no jornal. Agradecemos-lhe o trabalho perfeíctissimo.